

**O naufrágio e as miragens da ilha.
Desenvolvendo um ensaio visual a partir de reflexões sobre a metáfora do
naufrágio e a experiência de imigrar.**

Felipe Argiles
Janeiro, 2024

O náufrago é um equilibrista, vive de se equilibrar sobre os destroços empilhados.
Quem sai da sua terra vive o desequilíbrio, o terreno movediço e outras tantas
instabilidades.

Reflexões sobre o naufrágio.

Lançado o corpo no vazio

O avanço em direção a locais desconhecidos propicia o encontro com uma série de desafios não programados, resultando em uma busca solitária por soluções, pela permanência, sobrevivência. Quando inocentemente atravessei o oceano, não sabia o que encontraria na outra margem: madeiras, cordas, marcas da luta de um antigo náufrago. Outro tempo, outras esperas.

O não pertencimento é sensação rotineira

Naufragar faz parte da aventura da navegação; o abandono do porto seguro é necessário para desbravar os horizontes à procura de outros locais desejados. Motivado pela curiosidade, o navegador irá se deparar com incertezas e desafios inerentes ao descobrir. A destruição da embarcação, destino de quem naufraga, propicia o encontro com as incertezas. Para prosseguir, é crucial a busca de novos conceitos, invenções de outras formas de se manter sobre as águas.

Ventos e distâncias

Transgressão do navegador que se lança ao mar de incertezas na luta contra a escassez da natureza. A curiosidade, exploração, ação do fazer, parte de uma insatisfação ou de uma necessidade; criar é também questionar a estaticidade. O movimento desobedece a calmaria, o conformismo. Se lançar ao mar é um ato de contravenção à realidade imposta da terra firme.

O que fica no porto

O que resta ao náufrago é sua completa reinvenção perante as novas condições de sua vida. A ligação com os homens que permanecem em terra firme alimenta a mente com memórias de um local ilusoriamente estável. Sua esperança é tocar a margem depois da navegação aleatória e descontrolada, compartilhando as aventuras vividas. Entendo que exista uma ligação mental conflituosa do náufrago, que vive entre o descontrolo da deriva

e o sonho da estabilidade; e os outros que deixou para trás, que permaneceram em terra firme.

Fragmentos

É necessário ao naufrago construir uma jangada com os materiais disponíveis para se manter sobre as águas. O ato de se manter sobre as águas à deriva estabelece outras relações entre o sujeito e o seu entorno, sobre suas possibilidades e perspectivas, altera significativamente a relação com as esperas e os novos encontros em alto mar. Na navegação à deriva os tempos são outros, os anseios são muitas vezes prolongados por não se saber precisamente a localização dos portos.

Miragens de uma ilha deserta.

À deriva

Insisto na conservação de memórias que acumulei pelo caminho. Tempo, marcas e permanências. A pele é o suporte do tempo, do hábito. Casca rígida que suporta a espera, instabilidades. O mar insiste em depositar a madeira na margem, como uma espécie de expulsão do que não o pertence. Quando vejo a madeira que chega na praia, entendo os fragmentos que me chegam à consciência. Quando me veem deste outro lado, sou casca marcada, linha e sombra de um corpo vagante sem história, sem memória, depositado na margem de cá. O mar move esses fragmentos com tanta leveza, flutua o tronco mais pesado. Sinto que já não lembro como vim parar aqui, quais os nomes dos meus amores, quais as ruas que passava por lá. Longos tempos à deriva descascam as peles mais duras. Madeira e memória chegam do lado de cá. As vezes sonho que posso caminhar sobre águas, que poderia voltar andando para casa no momento que quiser. ilusão, embriaguez. Meu corpo, minha língua, meus gostos, tocam as margens de cá e provocam desconforto de uma presença estranha que voltou quando ninguém viu. Que chegou e ninguém esperou.

No meu desespero, tento tocar em tudo que posso ver e ouvir. Teço longos diálogos com as paredes mudas do quarto, vago por todos os labirintos possíveis, crio longas conversas com os ausentes. Quando esbarro nos muros intransponíveis, imagino os acontecimentos que residem do outro lado das largas paredes da cidade. Preencher os vazios de cá com meus ruídos, meus cheiros e meus desejos é a forma que encontro de inventar uma delirante forma de conexão.

O tempo à deriva molda a pele do meu rosto, novas linhas de um constante rito do desfazer. Recolho e analiso cuidadosamente os fragmentos que sobram destes desencontros, dos deslocamentos por este não lugar, confronto com minhas memórias numa incansável tentativa de me reconhecer. Já não sou, já não reconheço. Corpo vagante sem memória.

Migrante.

Cartas

Citação: Mbembe.

O direito dos cidadãos estrangeiros de cruzar as fronteiras de outro país e de entrar no seu território não foi ainda oficialmente abolido. Porém, como atestam inúmeros acontecimentos típicos da época, está a tornar-se cada vez mais processual, podendo ser suspenso ou revogado a qualquer momento e sob qualquer pretexto. (Mbembe, P.161)

Citação: Amade M'charek, Katharina Schramm e David Skinner.

Em particular, os sistemas de gerenciamento de fronteiras e populações frequentemente reproduzem/produzem diferenças e desigualdades raciais. Esses sistemas se posicionam na conjuntura entre o físico e o virtual; eles são ao mesmo tempo legais e burocráticos e também cada vez mais genéticos e biométricos. Esses regimes produzem diferentes sujeitos cujos movimentos devem ser monitorados, facilitados, restringidos ou inibidos. (M'charek, Schramm, Skinner 2014, p.469)

Citação: Mbembe.

Este regime - de segurança global - caracteriza-se pela externalização, militarização, digitalização e miniaturização das fronteiras, uma infinita segmentação e restrição de direitos e a implementação quase generalizada de técnicas de rastreamento e vigilância, consideradas o método ideal de prevenção contra todo o tipo de riscos, incluindo a imigração ilegal". Sua principal função é facilitar a mobilidade de certas classes raciais, interditando-a a outras ou só sendo concedida em condições cada vez mais draconianas". Esse regime de segurança abriu caminho para formas encobertas e por vezes assumidas de estigmatização e racialização, afetando principalmente indivíduos privados de seus direitos ou particularmente vulneráveis. Tal violência é mantida por novas lógicas de detenção e encarceramento, deportação e repressão, que inspiram práticas de apagamento, triagem, estacionamento ou zoneamento e invisibilidade herdadas do colonialismo. (Mbembe, 2020, p.162)

Citação: Pelbart.

Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes (o corpo, o inconsciente, a subjetividade), e tínhamos a ilusão de preservar em relação a eles alguma autonomia, hoje nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação da existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e monitoramento. (2008, p.1)

Referências

- Amade, M. Katharina S. David, S. (2014). Topologies of race: Doing territory, population and identity in Europe. *Science, Technology, Human Values*, vol. 39, n.º 4, pp. 468-487.
- Bethânia, M. (2003). Yáyá Mafemba. In *Brasileirinho*. Biscoito Fino
- Blumenberg, H. (1979). *Naufração com espectador*. Lisboa: Veja.
- Mbembe, A. (2021). *Brutalismo*. Lisboa: Antígona.
- Pelbart, P. (2008). *Morte e Vida em Contexto de Dominação Biopolítica*. IEA - USP. São Paulo.